Biologia In Situ Podcast

BIO NA PRÁTICA 001 – SEXUALIDADE E O TABU SOBRE OS CORPOS REAIS – COM ANNA FERNANDES

[buzinas] **[sirene tocando]** **Cafeína: Você está ouvindo Biologia In Situ podcast** **[queda d'água]** **Cafeína: Porque todas as estradas levam à Biologia!** **[pássaros cantando]** **[vento]** **[trilha sonora de fundo]**	
Ricardo	Olá, bio-ouvinte, começa agora a estreia do nosso programa Bio na Prática! Nesse programa nós traremos sempre uma pessoa convidada para falar sobre algum trabalho, artigo, ou atividade que a pessoa tenha realizado que tenha a ver com Biologia e aqui não tem essa de começar devagar, não bio-ouvinte! De cara, já trazemos uma convidada de peso que aponta o dedo na cara da sociedade e questiona os padrões. Quer informação? A gente tem! Quer polêmica? A gente tem também! Fiquem agora com o nosso primeiro programa dessa série que promete muito ainda. Vai lá!
[vinheta de transição]	

Cafeína: Você está ouvindo Biologia In Situ podcast	
Ricardo	Bem-vindo bio-ouvinte estamos aqui hoje com o nosso programa Bio na Prática com a nossa convidada mais do que especial. Ela que é Bióloga, professora e Doutora em Microbiologia e Parasitologia Aplicadas pela Universidade Federal Fluminense, Anna Fernandes! Aê! Muitas palmas, palmas! Anna, eu fiz uma apresentação muito básica, muita acadêmica sua. Você poderia me dizer, dizer pra bio-ouvinte, quem é você na biosfera?
Anna	Então, Ricardo, primeiro queria agradecer o convite, né. Muito obrigada por essa oportunidade, por eu conseguir falar um pouquinho sobre a minha história e a gente conversar um pouco sobre esses assuntos que são tão importantes e ainda mais nesses momentos atuais que a gente vive, o máximo possível de informação e uma informação correta, uma informação adequada, eu acho que é o ideal. Então, muito obrigada por esse convite e por essa oportunidade da gente conversar sobre isso e passar a informação pro público. A ideia da nossa profissão que é fazer uma biologia acessível, né? Um conhecimento acessível, é assim que a ciência funciona. Então, como eu já fui devidamente apresentada pelo Ricardo, meu nome é Anna Fernandes, eu sou Bióloga, formada pela Universidade Federal Fluminense e na UFF a gente acaba tendo uma necessidade de escolher uma área específica pra gente seguir, a partir do nosso

ciclo básico, e aí, depois de passar por esse ciclo básico, são mais ou menos uns dois anos, eu acabei escolhendo pela área de biologia que é chamada de Biologia do Desenvolvimento. E essa área da Biologia, é uma área muito voltada para a parte de desenvolvimento do Sistema Imunológico, Sistema Neurológico, de estudar essa parte de desenvolvimento do Sistema Nervoso, da Biologia Celular e Molecular, e, principalmente, uma área forte de Micro e Parasito. Então, durante a faculdade, eu percebi que eu fui cada vez mais gostando muito dessa parte de doenças, né. Uma parte mais biomédicas, inclusive da biologia e aí depois da faculdade, eu acabei emendando no mestrado, acabei optando por fazer um mestrado em Microbiologia e Parasitologia por um programa também da UFF. Foi uma das seleções mais difíceis que eu já fiz na minha vida, foi uma prova extremamente extensa, foi uma prova de muito conteúdo, foi uma seleção muito difícil, mas foi uma seleção que me preparou muito para a pós–graduação que eu ia fazer. Eu já entrei no mestrado da UFF sabendo que era um programa difícil, que era um programa que iria ia exigir muito de mim. Mas como eu sempre gostei muito, dessa parte Biomédica, eu encarei como um desafio, um desafio bom né? Não um desafio ruim. E é interessante destacar que, mais ou menos na metade da faculdade, eu tive a oportunidade de começar a dar aula, num curso de pré-vestibular à noite. Então, assim, eu estava fazendo o Bacharel, não tinha a intenção *a priori* de virar professora, mas assim que eu tive essa oportunidade de começar a dar aula, eu pensei que ia ser algo temporário, que ia ser algo que eu ia fazer, né, pra ganhar um dinheirinho, mas que, logo, eu ia sair

desse ramo e ia ficar focando na parte acadêmica. E aí minha surpresa foi que eu gostei demais de dar aula, fiquei muito apaixonada por dar aula e comecei a mesclar as duas coisas: dar aulas, então, né, a parte de docência e com a parte acadêmica, que seria essa parte da pesquisa de bancada que eu sempre gostei. E aí, a verdade é que durante esse tempo inteiro, então, desde a metade da faculdade e até agora, eu sempre mesclo, essas duas áreas, né? Comecei a cursar licenciatura quando eu estava começando o mestrado, justamente porque eu comecei a me interessar muito por essa área de docência e aí eu comecei a fazer a licenciatura, terminei o bacharel, né, como eu falei. Entrei no mestrado, comecei a fazer licenciatura também. E aí, na... na metade, mais ou menos, do mestrado. Um pouquinho depois da metade. Eu fiz uma apresentação que a gente chama de Qualify, que é uma qualificação, que é de praxe, né. Todo mundo que chega na metade do mestrado precisa apresentar. E, nesse Qualify, eu apresentei, né, meus resultados, e eu fui convidada pelo diretor do Instituto Biomédico da UFF, a fazer uma seleção para uma progressão de doutorado. Eu nunca tinha ouvido falar disso, não sabia nem que existia, né, uma progressão de doutorado. Mas fui convidada, né, pelo professor na época, pelo Otílio, que ainda é, né, o diretor do Instituto Biomédico. Graças a esse convite dele, eu participei de uma seleção com algumas pessoas, né, da universidade. E eu descobri que essa progressão para o doutorado, ela é uma opção para quem gostaria, né, do título de doutor, assim, o quanto antes. E pra quem gostaria de fazer uma progressão do seu projeto, ter mais tempo, né, de funcionamento do projeto, ter

contato, enfim, com outras cadeiras, com outras disciplinas. E ganhar esse título mais rápido. E aí, na época, eu ponderei bastante porque eu iria ganhar um título de doutora, assim, mais rapidamente, né, depois de uns três anos, quatro anos, mas eu não iria ganhar o título de mestre. E aí, na época, eu pensei bastante e eu acabei optando por fazer a progressão, principalmente, porque, do ponto de vista de currículo é interessante você dizer que participou de um processo de progressão de doutorado e que você foi selecionado. Porque não é uma progressão fácil de fazer, você tem que passar por um processo seletivo bem complicado. Com entrevista presencial, como se fosse um preenchimento de uma prova online, apresentação de projeto. E essa apresentação de projeto você tem que fazer apresentação de todo o seu rendimento acadêmico, desde o seu CR na universidade até os artigos que você já tinha publicado, as suas notas, né, o seu CR na pós-graduação, então não era uma seleção fácil. E quando eu passei por essa seleção eu fiquei muito lisonjeada, né, de conseguir passar por essa etapa e ser bem colocada. Só tinha uma vaga e eu concorri, na verdade, com a UFF inteira, porque essa vaga de progressão ela é aberta pra toda universidade, independente da área. E aí, eu consegui ganhar essa vaga. E aí, eu já emendei do mestrado para o doutorado, então essa apresentação que eu fiz, ela ficou valendo como se fosse uma defesa de mestrado, como se fosse uma apresentação final. E eu já emendei no doutorado. E aí, como eu já tinha muita coisa avançada, eu fiz um doutorado muito rápido, eu fiz o doutorado em quase três anos, né, em três anos, praticamente. Porque eu já tinha um ano

	e meio de mestrado feito. Então, ficou um total de quatro anos e meio de mestrado iniciado e de conclusão no doutorado. E, assim, pra mim foi a melhor solução porque, na época, a minha orientadora estava interessada em se aposentar, então, provavelmente, se eu não tivesse feito essa progressão eu teria ficado órfã de orientadora na metade do doutorado. E assim, né, essa decisão que eu tomei, ela foi boa pra eu conseguir concluir a minha linha de pesquisa no tempo certo, com a minha orientadora e, enfim, pra mim foi muito boa. E aí, atualmente, eu faço pós-doutorado em esporotricose. Então, assim, não vou entrar muito em detalhes técnicos da minha dissertação, mas eu trabalhei no mestrado e doutorado com leishmaniose, que é uma doença negligenciada causada por protozoário. E aí, quando eu comecei a fazer o pós-doc eu entrei de paraquedas numa área nova que é a área de fungos. Então, eu comecei a trabalhar com esporotricose. E eu tenho gostado muito! Eu comecei o pós-doc no começo do ano, por conta dessa questão da pandemia a gente deu uma parada em bancada, né, exercício de bancada. Mas a gente tem sempre feito reuniões semanais, tem discutido bastante sobre artigos, enfim. E escrito artigos juntas e pra mim tem sido muito enriquecedor. E aí, basicamente, agora eu mesclo, né, na área da educação. Já comecei já com uns 19 pra 20 anos e continuo até agora, junto com a área acadêmica, que agora tá no pós-doc. E é isso, basicamente, é essa a minha história.
Ricardo	[risos] Muito bem, maravilha! Você, bio-ouvinte, que tá escutando a gente, você vê que a gente já não começa humilde não! A

	gente começa da pessoa que, do bacharelado, se apaixonou pela licenciatura, que, do mestrado, fez isso se tornar um doutorado através de um processo seletivo dificílimo, que toda universidade concorreu por uma vaga só! Então, ó, fica aí que o papo de hoje vai ser uma maravilha! Agora, Anna, o motivo dessa nossa conversa de hoje gira em torno de uns posts que você tem feito no instagram, basicamente. Uns posts sobre sistemas reprodutores feminino, principalmente, e masculino também. Esses não são os únicos assuntos que você aborda, é claro. No seu IGTV, você já falou de genética, evolução, mudanças climáticas, meio ambiente, parasitologia, diversas coisas. Mas esse assunto me chamou mais atenção pela sua abordagem também social, além da biológica. Você pode falar um pouco pra gente sobre o que te motivou a fazer essas postagens e assim, do jeito que você fez?
Anna	Então, Ricardo, primeiro, eu nunca fui uma professora muito de Instagram né, então eu não tinha nenhum contato com as redes sociais. Eu assim, o que eu tinha, na verdade, era um perfil pessoal e aí no perfil pessoal eu acabava misturando um pouquinho né, às vezes eu fazia uma postagem de Biologia, mas era muito perdido no meio de várias fotos, da minha vida pessoal. E aí eu acabei percebendo que, às vezes, pro aluno que, de repente, gostaria de ter acesso a um conteúdo mais direcionado de Biologia, fica muito confuso. Porque como é que ele vai conseguir ver um IGTV? Como é que ele vai conseguir procurar um assunto de Biologia no meio de várias fotos que não são relacionadas a isso? E aí eu tive a ideia de fazer um perfil profissional que fosse focado em postagens né e passada de informações sobre Biologia. E eu comecei assim, muito timidamente mostrando fotos né do meu dia a dia, mostrando fotos né com os meus alunos, fazendo maquetes, apresentação de jograis, apresentação de trabalhos, projetos de Biologia né,

de feiras de ciência que eu fiz nas escolas. E aí eu comecei mostrando meu trabalho lá. E ai essa ideia do Instagram profissional foi até bom porque eu consegui separar né os meus alunos da minha rede pessoal, e os meus alunos né agora ficam somente no meu Instagram profissional principalmente porque eu tenho alunos de faixa etárias muito diferentes, então eu tenho alunos muito pequeninhos que são assim 6º ano né, que tem tipo 11 anos, até alunos mais velhos de pré-vestibular. E aí, enfim, depois com essa ideia do perfil profissional, eu comecei a fazer algumas postagens, ainda tímidas, sobre alguns assuntos que, de repente, eu achava mais difícil tipo bioquímica, genética, é... primeira lei, segunda lei, mas muito, assim, nos stories, não fazia uma postagem fixa, nem sonhava de gravar um IGTV, coisas assim. E aí veio a pandemia. E aí quando veio a pandemia, a gente começou, na verdade não foi só comigo né, vários professores tiveram que se adaptar a essa plataforma a distância. E aí com essa plataforma a distância, a gente teve que reaprender a ensinar sem o quadro. Então apesar deu não ser uma professora antiga né, apesar de ser nova relativamente no mercado, eu tenho um hábito muito grande que é explicar com o quadro. E o lado bom de ter essa vivência acadêmica é que eu já estava acostumada a dar aulas e fazer apresentações com slides, coisa que muito professor não tem o hábito porque a pessoa está a muito tempo já com o quadro e praticamente não mexe com slide. E ai eu falei "bom, agora né que agora é a distância eu vou ter que ver um novo método de ensinar o meu aluno." Quando é no dia a dia, eu tinha né sempre alunos que me procuravam nos intervalos, nos corredores, e eu explicava pra eles ali, na sala de aula, era muito mais rápido. Com essa questão da quarentena, eu falei assim: “cara, eu vou começar a fazer postagens regulares sobre determinados assuntos né, no meu Instagram”. E aí eu vi que tinha essa opção de IGTV e o IGTV pra mim é perfeito porque como você já percebeu eu falo à beça né. Então o IGTV pra mim foi tipo, maravilhoso, porque me deu a opção de falar mais do que um minuto, dois minutos, nos stories do Instagram são sempre muito quebrados né. Aí eu falei: "bom, eu acho que o IGTV é melhor porque fica o vídeo salvo, o vídeo no feed só demora um minuto e às vezes eu gosto de falar mais de um minuto.’’ Na verdade, acho que qualquer assunto eu falo mais que um minuto. E aí eu falei: "bom, vou gravar IGTV" e eu fiquei pensando: "poxa, como é que eu vou fazer essas gravações de IGTV sabe? Qual vai ser a ideia de gravação?

Qual vai ser meu cronograma de gravações?". E aí, simplesmente, eu comecei a fazer primeiro de uma forma menos organizada, que eu ia gravando de acordo com o conteúdo que eu estava na escola, eu começava a fazer uma gravação no powerpoint mesmo, com a apresentação de slides, e essa gravação que eu enviava para os meus alunos, eu postava no IGTV. Não fazia uma gravação exclusiva para o IGTV, era a mesma gravação que eu mandava pra eles, pra eles estudarem em casa. E aí, depois eu pensei assim: "poxa, mas tem tantos assuntos legais que eu ainda nem cheguei neles na escola, então será que eu vou ter que esperar até chegar esse assunto pra fazer uma gravação sobre isso?". E aí, assim, eu comecei a perceber, eu comecei a colocar aquela opção de caixinha de perguntas no Instagram perguntando se os alunos tinham alguma dúvida, perguntando se os alunos queriam saber algum conteúdo, tinham curiosidade, dúvida mesmo, algumas questões de vestibular. E aí, nessa caixinha a minha surpresa, na verdade, assim, foi surpresa mas ao mesmo tempo não foi, que nessa caixinha apareceram muitas perguntas sobre sistema reprodutor. Então, muitas perguntas de curiosidades e muitas perguntas anatômicas mesmo. E muitas mesmo! E aí eu comecei a ver que era uma tendência. Toda vez que eu colocava postagens, abria a caixa de perguntas sobre qualquer assunto da Biologia, o assunto que mais aparecia era sistema reprodutor. E algumas perguntas me chocavam porque eram perguntas feitas por alunos que eu já conhecia e alunos que são de classe média e classe alta, ou seja, alunos que não tem privação de acesso a informação. Então são alunos que vêm de uma família, né, não digo que seja somente acadêmica, mas uma família que tenha uma condição financeira pra pagar, de repente, um cursinho de inglês, um cursinho Kumon, um cursinho assim, que eu digo de fora né, ou seja, são alunos que têm capacidade, né de... têm acesso à informação com muito mais facilidade. E as perguntas me chocavam porque eram perguntas assim, que pra mim eram perguntas muito bizarras. Por exemplo, vou te dar só o exemplo, perguntas como: o menino perguntar pra mim se ele deveria tomar o anticoncepcional junto com a namorada; o menino perguntar se ele utilizar dois preservativos ao mesmo tempo faria a relação sexual ser mais segura; Uma menina de, tipo, que na verdade pra mim que nem é mais uma menina, de 20 anos, 21 anos, perguntar pra mim se sexo anal engravida. E aí eu fiquei muito chocada com essas perguntas, falei: "gente, como é que

	pode?" Porque eu tenho, na verdade, apesar do meu Instagram de professora ser aberto, o meu público é muito focado nos alunos de escola particular porque são as escolas que eu trabalho né, eu não trabalho em escola pública. E aí eu falei "cara, se pra eles tá difícil...'' claro que, né, que a gente não vai generalizar, mas a gente sempre imagina que o acesso à informação até por uma questão de escolaridade, é muito mais limitado na rede pública. Então eu pensei: "caramba, se pra eles já tá complicado, imagina como deve tá esse acesso à informação e até essa educação sexual em alunos que estudam em rede pública. Será que o aluno de rede pública, ele realmente tem um espaço pra conversar sobre isso? será se esse assunto ainda é um tabu?'' E aí, enfim, pra fazer a prova dos nove, eu fiz uma, de novo, uma caixinha de pergunta fazendo algumas perguntas sobre justamente essa questão, se as pessoas ainda acreditavam que esse assunto era considerado tabu, se ainda falar sobre sexo, principalmente, mulheres, se sentiam ainda desconfortáveis de falarem sobre isso e os motivos. E aí, cara, eu fiquei mais chocada ainda quando a maioria das meninas respondeu que ainda se sente desconfortável de falar sobre isso. Os meninos não se sentem desconfortáveis, mas eles, de falar sobre sexo, mas eles têm vergonha de tirar dúvidas. Então é muito curioso esse padrão, o padrão que eu fui percebendo dos meus alunos era o seguinte: que as meninas não gostavam de falar sobre sexo pra elas não serem taxadas de repente de algum estereótipo de que existe de que a mulher que fala sobre sexo é uma mulher enfim, fácil, uma mulher dada, esse estereótipo bem ridículo. Os meninos não gostavam de falar sobre sexo, sobre tirar dúvidas, porque eles não queriam que as pessoas descobrissem que eles tinham dúvidas sobre.
Ricardo	Que demonstraria uma fraqueza, uma falta que eles não gostariam de demonstrar.
Anna	Exatamente. Aí eu falei: "legal, aí fica todo mundo sem informação, né.'' Porque fica as meninas sem perguntar porque elas têm vergonha e serem taxadas de fáceis, e os meninos sem perguntar porque eles ficam com vergonha de serem taxados de imaturos. Não é nem imaturo, mas de inexperiente. Aí eu falei "ótimo, se juntar uma coisa com a outra, junta menino e menina que não sabe nada." Aí eu falei assim: "Bom, isso tem que parar

gente, pelo amor de Deus." Aí eu comecei a pensar em fazer o seguinte: fazer um foco, né, em IGTV primeiramente sobre sistema reprodutor. E eu comecei a ver as demandas maiores. Eu falei "cara". Dei uma olhadinha no site da Organização Mundial de Saúde e comecei a perceber que a taxa de gravidez na adolescência novamente aumentou, então ela tinha vindo em redução em mais ou menos em 2015 até 2017, 2018 e em 2018 ela aumentou novamente e ela ainda está em ascensão agora em 2020. Aí eu falei "Bom, já que a gente tá tendo, que eu tô percebendo esse padrão, acho que eu vou focar no primeiro IGTV sendo de métodos contraceptivos." E aí, eu fiz o IGTV na verdade super amador, eu gravei o IGTV de 10 minutinhos falando sobre quais são os principais métodos contraceptivos, como eles funcionam e quais são, né, os mais eficazes e os menos eficazes. E aí, o meu vídeo teve quase dois mil de visualização, que eu achava que era muita coisa porque na época eu tinha, tipo, 700 seguidores. Aí eu falei "Caraca, tem mais gente vendo o vídeo do que gente seguindo! É muito louco, eu nem sabia que isso era possível! Ok." Ou seja, pra você ver o nível de amadorismo. Aí eu falei: "Caraca, que loucura! Beleza." Então eu falei: "Cara, realmente uma demanda. As pessoas gostam de saber sobre isso e você percebe, nitidamente, que as pessoas gostam de ouvir falar, mas elas não querem demonstrar que elas estão ouvindo falar." Então se você for vendo por exemplo o padrão de curtida, de pessoas interagindo na postagem é pequeno, mas de visualização é grande. Então, as pessoas, elas querem ouvir falar sobre isso, mas elas querem ficar no anonimato, entende? E aí, eu falei: "Beleza cara, pra mim, cara, não importa se a pessoa não quiser aparecer, quiser aparecer, pra mim não importa. O importante é a informação ser passada.'' Aí eu fiz essa postagem de métodos contraceptivos, muita gente que eu nem tinha no Instagram veio me procurar no privado pra fazer várias perguntas, não só perguntas de métodos, mas pessoas que tomavam anticoncepcional errado, pessoas que tomavam anticoncepcional desde os 16, a pessoa já tinha 30 anos e não sabia como ele funcionava. Ou seja, muito louco isso, nem lê a bula a pessoa lê, essa é a moral da história. E aí eu comecei a focar muito nos IGTVs de sistema reprodutor. Fiz o IGTV de métodos contraceptivos. Fiz depois o IGTV que também gostei muito do resultado, que foi um IGTV só de mitos e verdades. Não sei se você chegou a ver? Fiz um IGTV sobre isso.

Ricardo	Vi sim. Maravilhoso! Se for começar por um vamos começar por esse. Eu acho que é o que desperta mais interesse imediato.
Anna	Pois é! Aí eu comecei a fazer esse IGTV de mitos e verdades que foi tudo baseado nas perguntas. Eu tenho todas elas anotadas aqui e posso até falar algumas depois para você ter uma ideia. Só de mitos e verdades que eu fui recebendo nas caixinhas de direct, né. E aí fiz dois IGTVs porque ficou tão grande o vídeo. Eu descobri isso na marra, que o IGTV só faz postagem até quinze minutos e o meu vídeo tinha tipo trinta. Eu falei: “Bom, vou gravar em dois”. Aí fiz a postagem de mitos e verdades depois dessa gravação do IGTV eu dei uma pausa porque estava muito puxado para mim nas escolas e comecei a fazer postagens fixas no feed. Aí fiz postagens sobre anatomia feminina. Por que anatomia feminina? Porque as mulheres me procuram muito mais do que os homens, então as meninas ainda se sentem muito mais confortáveis em tirar dúvidas comigo do que os meninos. Quando os meninos vêm eles vêm, geralmente, assim: "Olha já estou sabendo disso aqui, mas eu quero tirar dúvida disso." Então eles sempre vêm com pé atrás. Não sei porque, mas eles sempre vêm com pé atrás para tirar dúvida, então como as meninas têm muito mais demanda de dúvida. Eu tenho feito muito mais postagens do sistema reprodutor feminino. Então eu fiz anatomia externa e interna, ciclo menstrual, tabelinha que é uma coisa que as vezes as mulheres até hoje não sabem fazer e aí, hoje, eu fiz o IGTV. Não sei se você viu? Eu fiz uma postagem sobre DSTs.
Ricardo	Hoje eu não vi ainda.
Anna	Sobre ISTs na verdade, então eu fiz uma postagem sobre infecções sexualmente transmissíveis e foi uma outra demanda muito grande que eu percebi porque eu pensei: “Bom, se as pessoas não estão usando os métodos contraceptivos adequadamente, quiçá um diagnóstico de IST, né?” E aí, quando eu fiz uma caixinha de perguntas, na verdade uma enquete, se a pessoa já tinha feito um teste, mesmo que seja um teste padrão de sangue, exame de sangue para fazer um teste de DST. Oitenta e cinco por cento das pessoas no meu Instagram

	votaram que nunca tinham feito e eu fiquei chocada! Eu falei: "Caraca, a pessoa nunca fez isso, nem como uma parada de rotina, sabe? Aí eu falei tem que falar de IST. Eu fiz um vídeo bem curtinho falando sobre as principais ISTs virais, bacterianas, fúngicas e causadas por protozoários. Falei brevemente sobre PrEP e Pop, na questão do HIV que é importante e aí, assim, eu postei a pouco tempo e aí quando eu olhei aqui antes da gente conversar já estava com 200 visualizações. E eu postei a muito pouco tempo atrás, então, assim, eu acho que eu tenho percebido que apesar dos alunos gostarem de outros assuntos da Biologia, não adianta cara, o sistema reprodutor sempre chama muita atenção e a gente sempre tem. Acho que sistema reprodutor acaba virando um chamariz para Biologia porque muitos alunos se interessam por estudar sistema reprodutor, aí te procuram por causa desse assunto que para ele é interessante e aí, graças a esse assunto, ele começa a ver que outras áreas de Biologia também são legais. Então eu acho que isso é uma forma legal de chamariz para a nossa disciplina. E é isso, basicamente, das histórias do IGTV.
Ricardo	Anna, você, sendo professora, você sentiu alguma influência dessas suas postagens sobre os sistemas reprodutores, desse novo canal, do novo tipo de contato que você teve com os alunos? Você sentiu alguma influência disso no seu tratar com os alunos ou com os responsáveis (pais de alunos)?
Anna	Então, sobre assim a repercussão que isso deu. No primeiro momento eu fiquei até assim, um pouco de receio de ser meio que cancelada pelos pais, né? Porque a gente ainda tem um padrão muito grande de responsáveis que tem ainda aquele velho pensamento de achar que é muito melhor você não falar sobre porque você falar sobre sexo com os filhos dele vai despertar mais interesse. E nós dois biólogos sabemos que isso é um mito. Que a criança e o adolescente sabendo ou não, tendo ou não uma educação sexual na escola, ele vai despertar o interesse por esse assunto porque é uma questão biológica. Não é uma questão simplesmente social.
Ricardo	Uma luta constante, né, que a gente tem de tentar fazer as pessoas entenderem que informação de qualidade previne, não o contrário.

Anna	E aí é muito mais interessante a gente pensar em uma medicina preventiva e não curativa, então a gente sempre fala em uma medicina que investe né, em métodos que sejam curativos, em métodos, enfim muito método que fala sobre tratamento de DST, mas falar mesmo de prevenção a gente não fala. Tanto que as educações sexuais em escolas, as campanhas de educação sexual, elas são muito ruins. São muito limitadas.
Ricardo	Tem o lado mais social da sua abordagem. Eu achei uma coisa maravilhosa você trazer esse assunto à tona como uma coisa que precisa ser falada. O bio-ouvinte já está sabendo sobre o que estou falando e provavelmente vai estar no título do episódio, mas é sobre o tabu não só sobre sistema reprodutor, sobre reprodução, sobre sexo, mas o tabu relacionado aos padrões estéticos corporais. Fala um pouquinho para mim sobre isso, por favor?
Anna	Essa história de fazer postagem sobre padrão estético começou com uma conversa muito boa e muito franca que eu tive com uma aluna minha. Daí, então foi legal que eu tive do ponto de vista de uma mulher e depois foi uma mesma história que eu tive com um aluno meu. Então eu tive essa mesma perspectiva do ponto de vista masculino, que foi sobre a indústria do pornô. E aí, eu conversei com a minha aluna e conversei com meu aluno. Na verdade, não foi algo tipo ensaiado. A gente simplesmente acabou entrando nesse assunto separadamente e eu juntei a informação que eu peguei com a minha aluna e com meu aluno e eu percebi o quanto que a indústria do pornô ela ainda é muito tóxica. Não só para a mulher, mas também para o homem. Então a gente costuma muito ver postagens na internet falando sobre como a indústria do pornô ela objetifica as mulheres mostra corpos que são irreais, mostra um sexo irreal e a gente costuma sempre pensar que isso é muito tóxico para mulher, mas depois que eu conversei com meu aluno, que eu tive a perspectiva do público masculino, eu percebi que na verdade a indústria do pornô da forma como é. Que deixe claro da forma que ainda está é uma maneira muito tóxica de você representar o sexo, porque existe... Até depois posso te passar um artigo muito interessante. Eu nem me lembro qual foi a universidade, mas é uma universidade no exterior que ela mostra sobre como o vício ao

	pornô acaba causando oscilações de produção hormonal nos homens, casos de ejaculação precoce, crises de ansiedade durante o sexo que podem causar, por exemplo, uma diminuição de ereção, então o homem viciado em pornô... Quando digo o homem não quero dizer que a mulher não seja, mas a indústria do pornô é muito mais voltada para o homem do que para mulher. E você percebe isso nitidamente quando você clica no pornô heterossexual que ele é muito mais focado na visão do homem, do sexo, do que na mulher. Quando eu vi isso, eu percebi que a indústria do pornô ela é muito tóxica em vários sentidos. Aí falei: "Bom vamos primeiro falar desses padrões de corpos para gente mostrar para aqueles meninos que na verdade, meninos e meninas que nunca praticaram sexo, mas que assistem pornô que o sexo não é aquilo" Que um corpo normal, quando digo normal não que aquilo seja normal, mas um corpo usual. Acho o padrão não é aquele e aí o que é um padrão, né?
Ricardo	Ou que não existe um padrão só, né? Não são só os corpos que aparecem no pornô que são os únicos aceitáveis que todo mundo deveria almejar, que o seu tipo de corpo pode ser diferente daquele e tá tudo bem.
Anna	Exatamente. Eu vi uma postagem muito boa, um vídeo muito interessante falando o que é um padrão de beleza, né? Aí eu percebi que realmente existe uma relação de que o padrão de beleza que está em alta na sociedade tem a ver com uma elite, então se a gente parar para pensar o que era um padrão de beleza na época rococó e barroca, era o quê? Mulheres gordinhas, mulheres com curvas, então os quadros dessa época mostram a mulher que era sempre retratada com uma mulher acima do peso e por quê? Porque naquela época você comer bem era uma questão social de hierarquia. Se você comia bem, se você era acima do peso era porque você tinha dinheiro, então isso para uma elite era um padrão de beleza. As mulheres magricelas, elas não eram bonitas porque provavelmente eram mulheres pobres, mulheres de classe baixa e aí os padrões de beleza vão mudando ao longo do tempo, então teve uma época que ainda existe, de que o padrão de beleza eram aquelas mulheres extremamente magras. Isso é muito em conta não só da indústria do pornô, mas da indústria de moda. Se você parar

	para ver que as grandes marcas aí. As grandes marcas como Calvin Klein, por exemplo. Clavin Klein, se quiser me patrocinar, tô aceitando. Mentira! As grandes marcas como Calvin Klein e Victoria Secrets que são marcas que sempre atingiram um público muito grande feminino e masculino elas têm como modelo *plus size* uma mulher que veste 38. Sendo que 38 jamais será *plus size*! Ainda mais para um padrão, se é que existe um padrão estereótipo brasileiro, que a gente é uma população totalmente miscigenada. Mas a gente sabe que a mulher brasileira, ela tem um quadril mais largo, ela não é tão estreita como os corpos europeus. Então, a gente começou implementar um padrão de beleza aqui no Brasil que não existe. Na verdade, ele nem existe na Europa quem dirá aqui. Aí eu comecei a fazer postagens sobre corpos reais, sobre, por exemplo, tamanhos de lábios pequenos e grandes da vagina que são diferentes, sobres seios de formatos diferentes. Seios que as vezes um é maior que o outro, as vezes o formato dele é mais para extremidade, mais para o centro, e aí eu fiz muitas postagens sobre corpos reais. E aí, talvez, a minha ideia que essas postagens mais realistas, elas sejam postagens que façam com que as pessoas desconstruam um pouco essa imagem do sexo como algo 100% perfeito aonde o homem tem que ser trincado e perfeito e a mulher tem que ser "peituda", de cintura fina e "bunduda" e perfeita, e que o sexo tenha que ser maravilhoso e que o orgasmo tenha que ser atingido no começo dele pros dois. Que é uma coisa que a gente sabe que não acontece, ou seja, o bônus, sabe, o *making off* não é mostrado. O que é o *making off*? De repente o orgasmo foi atingindo, a menina que está menstruada, o cara que não teve ereção, uma ejaculação precoce, essas questões que a gente sabe que é isso que é o sexo real. E aí, enfim, eu acho que essas postagens elas tiveram uma dimensão muito boa. Eu fui convidada para fazer uma entrevista de um IGTV de uma aluna que tem bastante seguidor, uma aluna que fala sobre muitas questões. E aí, eu falei justamente sobre como essa indústria do pornô... não foquei muito nisso, mas abordei essa questão no meio da entrevista. E aí, eu vou tentando trazer aos poucos, toda vez que eu converso com alguém eu tento trazer um pouco essas questões para tentar tornar cada vez mais comum falar sobre isso e cada vez menos tabu e é basicamente esse o objetivo.

Ricardo	Sim... Agora falando um pouquinho sobre o lugar de fala. Quem tá ouvindo a gente agora, o bio-ouvinte, não tá te vendo, mas eu te conheço, já te vi e as pessoas depois no final a gente vai ter o seu espaço pra passar os seus contatos, que você queira que as pessoas te encontrem e tudo mais. As pessoas vão poder te ver e você é uma pessoa dentro de muitos dos padrões estéticos atuais que a gente tem hoje, você é uma menina bonita. Eu queria ter sua visão sobre esse seu lugar de fala porque muita gente pode ter uma visão assim... “Ah, mas ela é bonita, ela não sabe do que ela tá falando. Ela já tem o corpo no padrão, ela não sabe o que é um corpo real de verdade”.
Anna	Sim, com certeza. Então, Ricardo, muito boa a sua colocação! É... assim... eu acho que quando a gente vai falar, trabalhar alguma questão e lutar por alguma causa.. obviamente, quando você está inserido naquele contexto você consegue entender aquela realidade muito bem porque você vive aquilo, e quando você não se encaixa nessa realidade, você... eu creio que você tenha um lugar de fala como uma pessoa que pode defender o movimento, né, por assim dizer, você pode defender a ideia. Embora você saiba que como você não participa ativamente daquele grupo, é interessante que você dê oportunidade para as pessoas que participam daquele grupo e na verdade que essas pessoas que participam daquele grupo sejam destaque. Então, vou só dar um exemplo: eu não preciso ser parte de uma comunidade que é atingida com uma doença negligenciada para trabalhar com doenças negligenciadas. Eu não preciso ser negra para trabalhar contra o racismo. Não preciso ser lésbica ou bissexual para trabalhar contra a LGBTfobia, né?! E aí, eu acho que, assim, com essa questão do padrão de beleza eu acho que por mais que a gente saiba que talvez né eu seja encaixada em muitos padrões de beleza que ainda são taxados pela sociedade, como professora, o meu lugar de fala está na passada de informação. E aí, dentro dessa passada de informação é interessante que a pessoa, ela entenda que eu me considero uma mensageira. Ou seja, não me considero... em vários assuntos que eu falo, eu não me considero, tipo, o público-alvo, né? Assim, a pessoa mais atingida por aquilo, assim como eu falo quando eu falo sobre leishmaniose, hanseníase – que são as doenças que eu trabalhei, né. Eu sei que eu não vivo numa área de risco. Eu sei que eu não faço

	parte de um público que poderá ser atingido com essas doenças... Mas pela informação que eu já tive até hoje e pelo meu conhecimento no assunto, eu posso passar a informação para pessoas que vivem. Então, eu acho que essa questão de padrão de beleza ela acaba sendo muito semelhante. Ela acaba vendo da seguinte forma: de que por mais que eu entenda que eu esteja encaixada dentro de um padrão - em alguns padrões – que ainda existem na sociedade, eu acho que a passagem de informação de que tá tudo bem você não fazer parte desse padrão e que na verdade não existe, como você falou no começo, né, não existe um padrão certo e errado porque não existem corpos bonitos e feios, existem simplesmente corpos, vai talvez fazendo com que as pessoas que façam parte desse grupo e que talvez não se encaixem ainda nessa caixinha de padrão (porque isso é uma caixinha de requisito, né?) Tipo assim, tem uma lista aqui e se você segue essa lista, pronto, você é bonito, se você não segue essa lista, fazer o quê? Você é feio... Melhore na próxima vida, é tipo assim. E aí, eu acho que se você tem acesso a essa informação de que está tudo bem, de que tá tudo ok, você se sente mais confortável, mais confiante em ver que tem pessoas do seu lado. E aí, essa, na verdade, é a minha ideia. Então minha ideia não é tomar nenhum lugar de fala e, sim, mostrar que existem pessoas que estão ao lado e que querem ajudar e que querem passar uma informação para um público de que padrão de beleza não existe. E quem melhor para falar de padrão de beleza do que um biólogo? Que a gente estuda corpos diferentes, tipos diferentes de anatomia e a gente vê que, cara, não existe um padrão. O que, na verdade, mais existem na biologia são exceções, né, Ricardo?! Então, a Biologia ela é formada de exceções. A gente em todas as aulas tá lá aprendendo, daqui a pouco vem o professor no meio do caminho falando “olha, gente, mas isso aqui nem sempre acontece” aí você fala “Ai, meu Deus! Tudo que eu escrevi aqui pode nunca acontecer?”...
Ricardo	E isso você falou é tão verdade que pra bio-ouvinte ter uma noção, a gente teve uma aula... nós... eu e a Anna fizemos Biologia na mesma universidade, na Federal Fluminense, e nós temos uma aula de primeiro período sobre protistas... a Anna vai poder confirmar isso aqui ao vivo e não vai me deixar mentir, no final do semestre...

Anna	(risos) Sim!
Ricardo	... o professor chega, depois de ter passado vários grupos, clados, diversos grupos de seres vivos, no final do semestre o que ele diz? “Isso aqui... Tudo o que vocês tiveram, que eu dei o semestre todo, que vocês estudaram, que vocês fizeram prova, que vocês leram e releram... Tudo isso já mudou, está mudando ou vai mudar daqui há pouco.”.
Anna	Exatamente!
Ricardo	A classificação dos seres vivos e o modo como a gente entende isso, é uma coisa muito variável. A gente não tem nada que seja exato nesse sentido ainda.
Anna	E pra você ver que quando a gente entra na faculdade a gente ainda falava de reino e agora a gente fala de domínio que é uma coisa que a gente nem falava abertamente sobre isso, nem falava sobre isso nas escolas, então para você ver como que a classificação, como a taxonomia... Se a taxonomia muda, se as mutações são aleatórias, se existem éxons e íntrons que modificam as nossas características gradativas ou não, se existem mutações deletérias, meu Deus! Quem sou eu para dizer que existe um padrão normal e um padrão anormal. É muito louco isso...
Ricardo	Anna, eu não podia estar mais feliz de ter você aqui. Você tem um pensamento muito alinhado com a gente, muito alinhado com o Biologia In Situ. A gente está aqui para ser mais uma plataforma para as pessoas falarem, para pessoas como você, biólogas que tenham projeto, que tenham uma ideia, um tema, uma série de postagens, que seja. Que seja uma boa mensagem e que a gente possa passar à frente. Eu posso não ter lugar de fala para falar sobre corpos femininos, mas eu tenho um lugar de fala para falar sobre corpos masculinos ou tenho meu lugar de fala como podcaster aqui para ceder esse espaço para quem quer que venha conversar com a gente. Então, Anna, muito obrigado mesmo pela sua participação aqui. Foi incrível essa

	conversa que a gente pôde ter... Tô falando como se estivesse encerrando, gente... (risos) Tem mais alguma coisa que você queira tratar, que você queira abordar com nosso público? Com o bio-ouvinte, a bio-ouvinte que está escutando a gente agora?
Anna	Acho que esse assunto da biologia que a gente acabou escolhendo é um assunto que chama muita atenção, mas eu acho que dentro desse contexto a gente pode falar de muitas outras coisas. A gente pode falar sobre o quanto é rico e importante para a Biologia você ter variabilidade gênica e uma variabilidade gênica ela, provavelmente, ela vai te dar mais características que vão fazer você sobreviver melhor, se adaptar melhor a algumas situações, a algum fator ambiental... Então, na verdade, só pra encerrar essa conclusão, um corpo perfeito, né, uma linhagem de corpos puros e perfeitos, ela me remete uma ideia de características com pouca variação e eu acho muito interessante a variação que existe na natureza. Então, se a gente começa a estudar os animais a gente vê o quanto que existe variação de pelagem, variação de peso, variação de tamanhos... E por que que a gente encara ok um animal ter uma diferença tão grande anatômica e para a gente não é ok? E aí, o que eu percebo muito, Ricardo, é que muitas alunas minhas elas falam: “Não, realmente, a gente não tem que seguir um padrão de beleza”, “Não, realmente, com certeza, professora, você está certa! Não existe um padrão de beleza certo”. Mas, no final das contas, elas acabam virando mais uma estatística de meninas que, no final das contas, se preocupam com o padrão de beleza sim. Então, é aquela foto do Instagram que edita para mostrar um corpo sem celulite, um corpo sem dobrinha. É o menino que faz só postagem, né, assim, para ficar mais com uma aparência de sarado, é o menino que faz a postagem malhando e coisas assim... Então ainda eu acho que existe um trabalho a ser feito para a gente naturalizar corpos porque é isso que a gente tá tentando fazer aqui, né, a naturalização dos corpos e a exposição de corpos reais que é um trabalho que tem que ser construído. Na verdade, assim como é muito difícil, infelizmente, a gente trabalhar esses pré-conceitos - e quando eu digo preconceito eu digo pré-conceito mesmo. O que é um conceito de um padrão de beleza? Não é uma coisa da noite para o dia, é uma coisa que tem que ser trabalhada com a gente diariamente. É... Assim, eu posso falar por mim, que eu também já tive muito

	problema com o meu corpo. E aí, muita gente fala assim: “ah, caraca, você tá de sacanagem? Você tá falando sério? Pô, você no padrãozinho de beleza você tá contra o seu corpo?”. E aí, para você ver, né, como que isso é problemático e às vezes você tem meninas lindas, meninos lindos, e que mesmo assim eles se acham feios. E aí, é interessante a gente destacar que o feio e o bonito é uma questão, assim, diria que pessoal e diria que um conjunto da obra, não somente uma aparência né?! O que é uma pessoa feia? O que é uma pessoa bonita? Para mim, isso é uma questão que não envolve simplesmente um biotipo, envolve também uma questão de caráter, uma questão de personalidade. Na verdade, eu já percebi que eu tenho um padrão muito grande de achar as pessoas mais bonitas ou mais feias depois que eu conheço elas. Não sei se acontece isso acontece com você também...
Ricardo	Sim, sim. É, realmente! Já aconteceu muito de eu conhecer uma pessoa esteticamente dentro do padrão, muito bonita, e à medida que você vai conhecendo, você vai vendo a pessoa cada vez mais feia. A pessoa te parece fisicamente...
Anna	Sim...
Ricardo	...mais feia quando a personalidade é feia.
Anna	E isso, Ricardo, é até uma parada que dá até uma discussão de evolução, mas eu acho que isso de você começar a observar a pessoa e pelo comportamento dela você... Você começar a achar ela mais feia, eu acho até que seria uma forma de seleção - não sei nem se eu poderia chamar de seleção natural. Mas é uma forma de seleção que nós fazemos de perceber se aquela pessoa é uma pessoa que a gente gostaria de ter no nosso ciclo, tanto amoroso, quanto uma questão de amizade, ou não. Então, cara, o padrão de beleza é uma coisa muito complexa, porque um padrão de beleza ele pra mim, na verdade não é um padrão. Então, se eu te mostrar todas as fotos, de todos os caras que já namorei ou fiquei, você fala assim: “Minha filha, no caso você não tem padrão, né?”, porque é um totalmente diferente do outro, tipo assim totalmente diferente. (risos do Ricardo) Desde tamanho, até peso, até personalidade, até etnia, e aí o único

	padrão que eu consigo dizer pra você Ricardo, cem por cento de certeza, que eu sei que todas as pessoas que eu já me envolvi tem, é inteligência, então eu sou muito assim, eu preciso ter uma conversa profunda, eu preciso ter uma conversa, tipo, importante, uma conversa que eu considere uma conversa intelectual com alguém. Então, isso não é exatamente um padrão estético, é um padrão comportamental, é um padrão personalidade, então essa inteligência... lembrando que não é uma inteligência meramente acadêmica, é uma inteligência de vida, uma inteligência de experiência de vida.
Ricardo	Diversos tipos de Inteligência que a gente tem hoje em dia, já mais aberto o leque, já se sabe mais sobre isso.
Anna	Isso aí. Então assim, eu que a gente poderia investir demais nesse tipo de padrão, já que a gente a vai criar um padrão pra gente, existem muitas pessoas que gostam de criar esses padrões. Cara, que seu padrão seja uma pessoa não bonita, encaixada naquela caixinha da sociedade, mas que seja uma pessoa agradável, uma pessoa que tem um relacionamento bom com você, uma pessoa não tóxica, uma pessoa que não invada seu espaço, uma pessoa que te acrescente, uma pessoa que te puxe pra cima, e aí eu acho que vai por esse caminho. Então, o padrão, pra mim, ele entraria nesse caminho aí, uma pessoa que faz bem pra mim nesse sentido, e não uma pessoa bonita, sei lá, você tem 20 quadrados, 30 quadrados na barriga, e você não tem nenhum, é acima do peso (risos do Ricardo). Pra você ter uma ideia de como eu sou uma pessoa totalmente inconsistente em termos de padrões de beleza, vou aqui, aí meu deus, altas revelações, é... você conhece, na verdade, pessoalmente um dos meus ex-namorados né, então você sabe como que é a aparência dele, e aí pouco tempo depois dele eu me envolvi com um cara que era tipo o triplo do peso dele, e talvez metade do tamanho, então era um cara assim totalmente diferente esteticamente, um cara baixinho, e um cara bem mais acima do peso, e aí assim... cara, quando você olha assim, as minhas amigas me falavam: “Meu Deus, cara, o que acontece contigo?” “O que tá acontecendo?” E eu sempre falava: Cara, eu me apaixono muito pela pessoa, e não pela aparência dela, o fato dela ser tatuada, ser magra, ser acima do peso, não ser, isso pra mim é uma coisa assim... muito secundária, porque

	realmente a aparência talvez seja, quando você não conhece a pessoa, a aparência é a primeira parada que te chama a atenção, né? Aí depois você vai conhecendo ela, e aí nesse depois, que pra mim é um divisor de águas, ou você continua com a pessoa porque realmente a pessoa é muito interessante pra você, ou você fala: “Cara, quer saber? Você é bonito e ponto, acabou” E pra eu chegar nesse pensamento de falar: ‘Caraca, a pessoa é bonita e ponto’, isso pra mim já causa um desinteresse absurdo, porque a pessoa é bonita e só isso, entendeu? Então, acho que a gente tem que valorizar menos o padrão de beleza, e valorizar mais relações reais, e as relações reais, é isso: é troca, é um sexo real, uma conversa real, são problemas reais, não sou chegada a esse perfil de padrão de relacionamento perfeito de Instagram, sabe o que eu estou falando? Aquele casal que tá sempre...
Ricardo	Sim, casal *fit*...
Anna	Aquele casal que está sempre de dieta, o bicho come frango grelhado e batata-doce todos os dias. O cara, ele faz postagem em Fernando de Noronha, em Búzios, em iate, ou seja, a vida perfeita. O cara tem o corpo perfeito, a mulher tem o corpo perfeito, eles se amam pra caralho, eles só fazem dieta e tem o corpo lindo. Isso não existe, então isso pra mim não me interessa, e eu até... Isso também daria outro podcast, que não vou nem entrar nesses detalhes aqui...
Ricardo	Opa, não, guarda pra próxima.
Anna	Valeria a pena uma conversa pra gente sobre o que gente precisa tanto mostrar uma vida que a gente não vive nas redes sociais? Por que a gente precisa dessa aprovação da população? Por que, às vezes, eu tô detonada e, eu preciso postar uma foto bonita? Eu não posso postar uma foto minha, nunca posto uma foto minha de pijama com a barriga dobrada? Por que só posso, sei lá, só estou dando um exemplo, foto minha de biquíni com a barriga chapada, entende? Existe uma necessidade de aprovação.
Ricardo	Sabe o que isso me soa, Ana? Isso me soa como um

	adolescente tentando se encaixar num grupo, querendo ser aceito, só que esticado pra vida adulta.
Anna	Pois é, Cara. Exatamente! Eu até estava lembrando de um filme muito legal, que é uma referência muito boa, não sei se a galera vai pegar que é um filme chamado: “Amor é Cego”.
Ricardo	Sim, sim, Com Jack Black.
Anna	Isso! É um filme perfeito.
Ricardo	E Gwyneth Paltrow.
Anna	E esse filme foi um dos primeiros filmes que me desconstruiu o padrão de beleza da mulher, porque nesse filme ele ver, pra quem não viu o filme, ele vê, ele na verdade encontra um guru, tipo hipnotista, e ele diz que quer o amor da vida dele, e esse guru ele faz uma magia nele, que ele ver as pessoas como elas são por dentro, não sei se você se lembra disso?
Ricardo	Sim, sim. Ele vê a personalidade da pessoa como se fosse a expressão estética dela, só que...
Anna	Exatamente.
Ricardo	… vendo a personalidade dela.
Anna	E ele vê mulheres lindíssimas, mas que na verdade não se encaixam no padrão de beleza, inclusive ele se apaixona por uma mulher que ele ver ela sendo lindíssima, e que ela não se encaixa, na verdade, no padrão de beleza. Mas a personalidade dela é linda porque ela é uma pessoa muito boa, e a amida dela, não sei se você lembra, ele ver como uma mulher horrorosa, e assim, horrorosa, que eu quero dizer, dentro de um padrão bem estereotipado. Uma mulher, assim, feia para representar uma personalidade feia, de uma pessoa mal caráter. Na verdade, a mulher é linda esteticamente. Então, esse filme é, mais ou menos, o que a gente tem que fazer. A gente tem que associar a

	beleza da pessoa não ao fenótipo, e sim a uma parada multifatorial, eu acho. E é isso.
Ricardo	Pode ser uma comparação meio fora da curva, mas eu vou falar mesmo assim. O cachorro mais saudável que tem é o vira-lata.
Anna	É isso, gente.
Ricardo	Quando a gente pega o cachorro de raça, cada raça vai ter um probleminha especifico, ou vários probleminhas específicos atrelados. O cachorro mais miscigenado, com mais mistura de DNA, é o mais saudável, é o vira-lata.
Anna	Exatamente isso, Não é aquele cachorro puro, é por isso que falei antes, que essa ideia de linhagem pura é uma ideia muito equivocada de que puro significa melhor. Na verdade, gente, só pra vocês saberem, os homozigotos dominantes e recessivos são sempre os que se ferram, então fica lá no heterozigoto, fica lá naquele meio termo, naquela pessoa que não faz parte de nenhum extremo, que você se dá melhor.
Ricardo	Maravilha. Anna, pra finalizar, agora sim pra gente caminhando pro final. Você tem alguma dica de livro, série e filme, e filme você até já falou, qualquer coisa assim que tenha ou não haver com o assunto que a gente debateu aqui hoje? Passa também a suas redes, seus contatos pro bio-ouvinte poder te procurar, o espaço agora é seu, pessoal.
Anna	Deixa eu pensar aqui, eu acho que de filme, série, o que eu indico é a série que tem inclusive na Netflix, que é a “Sex education”, é uma série muito boa, eu indico pra muitos alunos...
Ricardo	Excelente!
Anna	Ela é assim bem jovial, no sentido de que essa série não aborda conteúdos técnicos, extremamente rebuscados, mas ela aborda o sexo zero tabu, ela aborda desde homossexualidade, bissexualidade, questões de padrão de corpos. Ela, na verdade,

	representa o sexo real. Então, essa série é muito boa, eu aconselho ela. Esse filme, “O Amor é Cego”, do Jack Black, que eu falei, ele é muito legal, também, gosto muito dele.
Ricardo	Só pra complementar já que você vai falar de outra coisa, essa série “Sex education” ela aborda o tema de aborto de uma maneira muito sensível, muito legal, aborda de uma maneira excelente.
Anna	Verdade. Então, são questões que assim ainda são consideradas tabu, né, são consideradas tabus. São questões delicadas, mas que elas, eu acho que essa série aborda com muita naturalidade. Então eu aconselho essa série. E, assim, fica aqui o meu contato do meu Instagram, se alguém tiver interesse em acessar os meus IGTVs, tiver interesse em dar uma olhadinha nas minhas postagens, e quiser, é claro, mandar uma direct pra falar sobre alguma questão que acharia interessante eu trazer em algum IGTV, eu sou super aberta a opções de mais assuntos pra falar. Não necessariamente sobre sistema reprodutor. E aí, meu Instagram é o @prof.annafscn, que são as iniciais do meu nome, meu nome é muito comprido. Então é @prof.annafscn, e eu tenho feito muitas postagens assim interessantes. Eu tenho feito um padrão de pelo menos duas postagens no feed por semana, e um IGTV por semana, então quem acessar o meu Instagram vai ter sempre dois conteúdos postados no feed, e um IGTV por semana. E várias caixinhas de perguntas e de trocação de ideias nos stories. E aí, eu tô sempre disponível para tirar qualquer dúvida e para aulas particulares, eu também dou muita aula particular. Eu costumo dar aula pra o aluno focado na UERJ, no ENEM, que são os dois principais vestibulares do Rio de Janeiro. O aluno focado em prova pra faculdade particular, pra concurso público. Eu já dei muita aula particular pra aluno que vai fazer prova pra polícia, né, pra polícia federal, polícia civil, que são de técnicos, auxiliar de necropsia. Enfim, é isso. Fica o convite pra você conhecer o meu trabalho, saber mais um pouquinho como é que eu sou. É isso. Obrigada de novo pelo convite, espero que eu volte pra falar sobre outras questões polêmicas porque problematizadora polêmica é comigo mesmo.
Ricardo	[risos] Não, maravilha. Você me lembrou uma coisa agora, mas

	vou fazer uma indicação antes de falar. Eu quero indicar aqui o podcast, o scicast, é um pocast gigante de divulgação científica brasileiro. O scicast número 387 sobre pornografia. Eu lembrei dele, que saiu recentemente, dia 31 de julho. Você falou desse assunto mais no início da nossa conversa. Vou deixar aqui a indicação do scicast 387 sobre pornografia. Eles sempre abordam os assuntos com referências, de uma maneira científica, com cientistas falando sobre todos os assuntos. Scicast é uma referência pro nosso Biologia In Situ e que fique aqui a referência pra você também.
Anna	Perfeito!
Ricardo	Agora, Anna, você falou... O nosso esquema aqui é falar pro máximo de pessoas possíveis. O bio-ouvinte é a pessoa mais variada possível, ou assim eu espero que seja. Mas, aqui, fica o recado pra... pra quem é biólogo. Você biólogo, bióloga que tá ouvindo a gente, a Anna, ela é a mestre do empreendedorismo na nossa área! Ela faz uma propaganda, sabe fazer uma autopropaganda como ninguém! Ela posta os elogios que os alunos fazem pra ela, e são muitos! Ela consegue se autopromover, tá sempre lá com o contato dela, com o telefone. "Ah, dou aulas particulares pra isso, praquilo...", como ela falou agora aqui pra vocês. Você que é biólogo e bióloga e não tá conseguindo emprego, vai no perfil da Anna, aprende como se faz, como faz a autopropaganda.
Anna	É isso aí! E até, assim, fala comigo porque, às vezes, eu tenho várias escolas que eu trabalho que estão contratando, que, às vezes, tão precisando de monitor, professor. Às vezes, tem várias aulas particulares que eu não consigo dar conta e eu indico amigos. Então se, de repente, você tem interesse em começar a trabalhar nessa área de docência, quer começar aos pouquinhos. De repente, uma monitoria, uma aula particular poderia te ajudar a dar aquela, né, aquele gás na experiência que você precisa. Então é só falar comigo que, aqui, a gente troca tudo, aqui é tudo certo. Tá tudo em casa.
Ricardo	[risadas] Maravilha! E eu vou, pra terminar, eu vou deixar aqui o convite. Quero que o bio-ouvinte ouça pra gente tá aqui gravado.

	Vou fazer cobrança vexatória mesmo! Anna, você está convidada aqui a voltar a participar do Biologia In Situ, você aceita?
Anna	Claro que eu aceito! Tô me sentindo fazendo uma proposta de casamento, claro que eu aceito, tô até emocionada!
Ricardo	[risadas]
Anna	Lógico, lógico, com certeza. Já topei!
Ricardo	Maravilha, maravilha! Então, bio-ouvinte, você fique agora com essa promessa de que a Anna voltará pro nosso programa, voltará pro seu ouvidinho, falando sobre, cada vez, assuntos mais polêmicos aqui. Polêmica é uma coisa que a gente gosta aqui no Biologia In Situ também.
Anna	[risadas] Ótimo!
Ricardo	[risadas]
[trilha sonora de fundo]	
Ricardo	Anna, muito obrigado!
Anna	Obrigada você!
Ricardo	Você, bio-ouvinte, que quer entrar em contato com a Anna, ela já passou os contatos pra vocês. Além disso, você pode falar com a gente pelo e-mail cartinhas@biologiainsitu.com.br. Cartinhas, no plural mesmo. biologiainsitu, insitu é i-n-s-i-t-u. cartinhas@biologiainsitu.com.br. Também no post desse episódio, no site biologiainsitu.com.br. Deixe o seu comentário. Faça a sua pergunta pra Anna se você quiser, ela pode dar uma olhada no comentário no site também. Te responder por lá, ou através das redes dela. E, Anna, muito obrigado mais uma vez

	pela sua participação.
Anna	Nossa, obrigada vocês!
Ricardo	Você é bem-vinda hoje, vai ser bem-vinda sempre aqui na nossa casa.
Anna	Ai, muito obrigada! Eu gosto de ficar ao redor de biólogos porque os biólogos sempre me entendem.
Ricardo	[risadas] Nós te entendemos. E vamos ficando por aqui bio-ouvinte, até a semana que vem! Tchau, tchau! Tchau, tchau, Anna!
Anna	Tchau, gente!
[trilha sonora de fundo] **[queda d'água]** **[pássaros cantando]** **[vento]**	